



RODA DE CONVERSA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA: Um relato de bolsistas do PIBID-BIO

SILVA, Bianca Bernardino da ¹
ALVES, Maria Clara da Conceição ²
FERREIRA NETO, José Olímpio ³

RESUMO: O presente trabalho traz um relato de experiências de duas bolsistas do PIBID-Bio, mulheres negras, inseridas em uma Unidade Escolar da periferia do Município de Fortaleza. É fato que o racismo estrutural está na sociedade e também é reproduzido nas escolas. No entanto, a escola também é um espaço de formação que pode transformar a sociedade. Diante dessa problemática, pergunta-se: É possível uma educação antirracista por meio do ensino de Ciências da Natureza? Para responder essa pergunta, foi apresentado o presente relato de experiência que traz a roda de conversa como possibilidade de estratégia pedagógica para uma Educação Antirracista no Ensino de Ciências da Natureza. Os registros foram realizados em diário de campo, por meio da técnica de observação participante. Como resultados, é possível confirmar a hipótese de que as rodas de conversas facilitam o diálogo sobre racismo e pensar em ações para combatê-lo. A oralidade é um valor civilizatório na cultura africana e afro-brasileira. Assim, por meio de contações de história e situações problematizadoras, o corpo discente entra em contato com um ensino de Ciências da Natureza crítico, problematizador, significativo e contextualizado com a realidade. Considera-se, portanto, que a roda de conversa se constitui em uma estratégia pedagógica adequada para uma educação antirracista no ensino de Ciências da Natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Ciências da Natureza; Educação Antirracista; Relato de Experiência; Ciências Biológicas; Roda de Conversa.

1 INTRODUÇÃO

O racismo, conforme Cunha Junior (2021), foi inserido na sociedade brasileira desde o início da invasão portuguesa por meio do escravismo criminoso que se perpetua até os dias de hoje com o capitalismo racista antinegro. Almeida (2019) alerta que o racismo é estrutural e se manifesta nas relações pessoais, institucionais, em um jogo dinâmico de privilégios e vantagens baseados em

¹ Graduanda em Licenciatura do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará (UFC), Bolsista do Programa de Iniciação à Docência do Curso de Ciências Biológicas (PIBID-Bio), , biancabernardinosilva@alu.ufc.br.

² Graduanda em Licenciatura do Curso de Ciências Biológicas da UFC, Bolsista do PIBID-Bio da UFC, mariaclara22@alu.ufc.br.

³ Professor Orientador: Mestre em Ensino e Formação Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Professor de Ciências da Natureza da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME-Fortaleza), Professor Supervisor Bolsista do PIBID-Bio UFC, E, joseolimpio.ferreira@educacao.fortaleza.ce.gov.br.

parâmetros discriminatórios. A escola também é um espaço que reproduz o racismo, mas também é um lugar de formação que pode transformar a sociedade por meio de atividades questionadoras da realidade que possam trabalhar uma educação antirracista. Assim, esse trabalho segue na esteira de Ribeiro (2019), Pinheiro (2023), entre outras e outros, que convocam para uma educação antirracista, bem como de Freire (2003; 2004; 2005) que pensa o ensino de Biologia, ou Ciências da Natureza, comprometido com a vida. Conseqüentemente, é certo inferir que é um ensino que se opõe ao racismo. Tem vista à educação crítica, com olhos para a autonomia que se opõe à perspectiva bancária, de repasse de conteúdos e reprodução da sociedade vigente.

O presente relato de experiência tem como objetivo apresentar a roda de conversa como estratégia pedagógica para uma educação antirracista no ensino de Ciências da Natureza. Esse objetivo foi pensado a partir da problemática: É possível uma educação antirracista por meio do ensino de Ciências da Natureza? Para responder essa questão e atingir o objetivo proposto, foram utilizados os registros de diário de campo de Silva (2023) e Alves (2023), por meio da técnica da observação participante como bolsistas do Programa de Iniciação à Docência do Curso de Ciências Biológicas (PIBID-Bio), da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Fragmentos de nossa experiência no PIBID-Bio foi registrada inicialmente em 2023 nas palavras de Alves, Silva e Ferreira Neto (2023). A continuidade dos registros e análises, um estudo que estabelece um diálogo entre as impressões empíricas e os estudos de teóricos, tem uma justificativa pessoal pelo envolvimento do orientador com práticas culturais afro-brasileiras, assim como sua ascendência. Além disso, as autoras são duas mulheres negras em formação no curso de Ciências Biológicas, e não se privam de um ensino crítico e antirracista.

2 METODOLOGIA

Na presente seção, serão apresentados o referencial teórico e metodológico da pesquisa, o lócus e a população investigada, além da descrição da atividade aplicada. Em suma, o trabalho teve uma parte exploratória, em busca de fundamentos para a pesquisa; outra descritiva, por meio dos registros em diário de campo; e, por fim, uma parte analítica, que buscou estabelecer um diálogo entre as impressões empíricas e os estudos na área.

Referencial teórico e metodológico

O presente relato se configura como uma pesquisa de natureza qualitativa, que segundo Chizzotti (1995, p. 79), é aquela em que “[...] o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado”. Em suma, esse trabalho se desenvolve numa relação entre impressões empíricas e o estudo teórico.

Inspiradas no esforço de Ferreira Neto (2022), para buscar referenciais de Educação Antirracista no Ensino de Ciências, a primeira parte é composta por uma busca exploratória de fontes teóricas. Para Gil (2002), a pesquisa exploratória visa desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, para a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses para estudos posteriores. Dessa forma, por meio da busca de fontes teóricas, foi possível entrar em contato com o referencial teórico composto por Alencar (2021), Almeida (2019), Hooks (2019; 2020), Gertrudes e Silva (2016), Pinheiro (2023) e Ribeiro (2019), que abordam ou fundamentam a possibilidade de uma educação antirracista, além de Freire (2003; 2004; 2005), que trata da educação para a autonomia e se opõe a educação reprodutora e acrítica.

Lócus e população investigada

Na segunda parte, na esteira de Ferreira Neto, Nascimento e Nascimento (2022), que relatam vivências no Programa Residência Pedagógica, e por sugestão do Prof. Dr. José Roberto Feitosa, coordenador do PIBID-Bio UFC, foi iniciado o registro das vivências do programa na EM JBS, da SME-Fortaleza. Os registros foram feitos em diário de campo por Silva (2023) e Alves (2023), por meio da observação participante. Segundo Gonçalves (2001, p. 67), a pesquisa de campo, “[...] é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. [...] o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações [...]”. Assim, utilizando-se de dados empíricos, a partir da observação como integrantes do PIBID-Bio, foi possível analisar a relevância das atividades aplicadas nas turmas dos 9º anos.

Descrição das atividades

Nos dias 5, 12 e 28 de abril de 2023, foi posto em prática a roda de conversa. A atividade consistiu em organizar pelo menos 3 a 4 grupos com a turma. Os bolsistas-professores faziam a mediação dos grupos. Foram apresentadas aos grupos formados, algumas notícias atuais sobre racismo oriundas de diferentes nichos. Em seguida, foi proposta uma discussão entre os integrantes. Após um tempo de 15 a 20 minutos, a discussão sobre as notícias eram compartilhadas com a turma inteira. Cada grupo comentava o que havia sido discutido e quais as opiniões sobre o tema, durante mais 30 minutos.

O tema da aula era Histologia, que trata do estudo da pele. Nos dias 5 e 12, o subtema que foi dado ênfase foi Racismo e no dia 28, o subtema proposto foi gordofobia. Foi possível observar que ambos são temas atravessados por diversos tipos de preconceito. Falar de um desses marcadores de expressão não exclui os outros, pelo contrário, dialoga com o machismo, o capacitismo, a xenofobia, a homofobia, a transfobia entre outros.

Na seção seguinte, serão apresentados os resultados das análises das atividades aplicadas e a discussão com o referencial teórico proposto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa seção apresenta os resultados e discussões das atividades realizadas no PIBID-Bio UFC, na EM JBS, da SME-Fortaleza. Inicialmente, será apresentada as primeiras impressões sobre as atividades realizadas, em seguida uma reflexão analítica em diálogo com o referencial teórico proposto.

Primeiras impressões

A roda de conversa foi utilizada após uma aula expositiva, cujo tema geral foi Histologia, ou seja, estudo dos tecidos, abordando a Pele. Em seguida, foi possível entrar em subtemas com questões sociais, tais como o racismo e a gordofobia. Outros temas atravessaram as vivências, tais como machismo, o capacitismo, a xenofobia, a homofobia, a transfobia, entre outros. Nessa esteira, é possível seguir a convocação de Adichie (2015) ao conclamar sejamos todos feministas. Dessa forma,

sejamos todos pessoas negras, LGBTQs etc. É necessário uma educação crítica e revolucionária.

Assim que aplicamos a atividade não obtivemos, de imediato, uma boa resposta por parte dos estudantes. Em uma das turmas houve um debate acalorado, com o foco no racismo policial. Houve uma separação por parte da turma com opiniões muito concretas que fizeram com que o debate se tornasse muito mais denso do que o esperado. Quando entra-se em um tema delicado como o racismo, é esperado, conforme Ribeiro (2019) um certo desconforto uma vez que o assunto ainda é, infelizmente, pouco tratado nas escolas. Por isso, é necessário um preparo por parte dos professores que conduzem as atividades, mas para isso é importante uma formação robusta que possa auxiliar os educadores que estão à frente nas salas. E além do preparo, os professores aprendem também atuando em sala de aula, Hooks (2020) cita que a pedagogia engajada é algo importante na sala de aula pois é um modo de aprendizado muito mais rico por haver a troca de sabedorias entre professor e aluno, é importante tornar os alunos cada vez mais empoderados pois por meio da pedagogia engajada facilita o surgimento do pensamento crítico por parte dos estudantes, em atividades onde tanto eles como os docentes podem participar de maneira ativa.

Refletindo sobre as Práticas Pedagógicas

Foi possível observar que durante a realização da Feira de Ciências da escola, a mesma turma, que parecia resistente e desconfortável com o tema, realizou um trabalho crítico. Os alunos, que tinham opiniões diferentes, estavam na mesma equipe, apresentando suas considerações a partir do material que havia sido usado na roda de conversa, proposta pelo PIBID-Bio. Esse comportamento corrobora com o entendimento de Freire (2003; 2004; 2005), cujo pensamento sinaliza para a necessidade de um ensino, de qualquer componente curricular, incluindo Biologia e Ciências da Natureza, com criticidade, fugindo do mero depósito de conhecimentos, rumo ao desenvolvimento de um sujeito emancipado e autônomo.

Vale também ressaltar que a roda de conversa vem como uma atividade oral, onde a troca de vivências aliadas com o direcionamento dado pelas duas bolsistas e seus colegas, culminou em uma atividade rica de grande troca e aprendizado, algo

defendido por Gertrudes e Silva (2016) que levantam a necessidade de atividades que vão além de somente o ensino dos conteúdos mas que também gerem um pensamento crítico e sejam também atividades de diferentes dimensões, usando a oralidade como um caminho possível.

Além disso, urge uma normalização dos debates sobre esse e vários outros temas. Em relação à educação antirracista, a Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira” (Brasil, 2003). No entanto, é nítido perceber a resistência, que é excitada por meio da inércia, ou seja, não há um programa formativo e contínuo que trate da temática nas escolas. Essa inércia, fruto do racismo estrutural, que conforme Almeida (2019), toma conta das instituições, precisa ser combatida por ações do(a) educador(a) antirracista.

Podemos observar a importância de se trabalhar sobre o empoderamento e a cultura negra desde mais novos, como por exemplo o projeto que foi executado por Alencar (2021) que por meio de uma culminância no mês de novembro trabalhou com os alunos de ensino fundamental de maneira lúdica, por meio de atividades interdisciplinares, de maneira leve tratando sobre o tema do amor a negritude e o empoderamento negro. Com o empoderamento é possível ter uma geração mais preparada que saiba se levantar contra o racismo e que são autoconscientes de sua beleza, não permitindo se rebaixar a definições da sociedade racista. Assim como levanta Hooks (2019), se os negros não aprendem a amar sua cultura e sua história, será cada vez mais difícil uma autodefinição e assim estarão sujeitas a baixa autoestima. Dessa forma, deixar em evidência e fortalecer epistemologias, assim que propõe Cunha Junior (2021) ao apresentar a epistemologia dos bairros negros.

Cabe às e aos docentes elaborar estratégias pedagógicas que trabalhem a educação de forma planejada, agregando os conteúdos normativos de cada área do conhecimento, mas que também desenvolvam atividades que os formem como cidadãos empoderados, críticos e emancipados. Na esteira de Pinheiro (2023), que reflete sobre como ser um(a) educador(a) antirracista, é preciso seguir refletindo também sobre como ser antimachista, antigordofóbico, antilgbtfóbico, antixenofóbico e contra toda forma de preconceito e opressão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi realizado um relato de experiência baseado em nossas vivências no PIBID-Bio UFC, na EM JBS, da SME-Fortaleza. Apresentamos uma das atividades aplicadas em sala de aula com turmas dos 9º anos. Amparados por uma abordagem freiriana, acreditamos em uma educação crítica, contextualizada e significativa. Nessa esteira, o ensino de Ciências da Natureza também segue, pois temas como Histologia não podem fugir às temáticas que atravessam o conteúdo, tais como Racismo e Gordofobia.

O maior motivador foi, além de trazer uma atividade que tem como principal intuito o combate ao racismo nas escolas, também mostrar a formação de duas futuras docentes que por meio da roda de conversa puderam ter um aprendizado maior sobre o tema. Além disso, a roda de conversa vem com o intuito de através de seus relatos e vivências levá-los a reflexão validando-os, empoderando e transformando o momento neste presente trabalho.

Participar de um trabalho dessa natureza, nos estimula, como mulheres negras, a continuar nossas escrituras, seguindo uma pedagogia crítica, dentro de uma perspectiva freireana, aperfeiçoando nossa visão por leituras da pedagogia. Ao final desse trabalho, é possível considerar, portanto, que a roda de conversa se constitui em uma estratégia pedagógica adequada para uma educação antirracista no ensino de Ciências da Natureza.

5 AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao apoio do Prof. Dr. José Roberto Feitosa pelas orientações, na coordenação do PIBID-Bio da UFC. Agradecemos ainda o corpo docente e discente da EM JBS, da SME-Fortaleza pelas vivências e aprendizados.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2015. 50p.

ALVES., M. C. da C.; SILVA, B. B. da.; FERREIRA NETO, J. O. Ensino de ciências da natureza para uma educação antirracista: relato da experiência no pibid-bio. *In: IX ENALIC, Anais [...]*. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/102791>

ALVES, M. C. da C. **Relatos Autobiográficos sobre a experiência no Programa de Iniciação à Docência da Universidade Federal do Ceará na Escola Municipal José Bonifácio de Souza**. Fortaleza, 2023.

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo Estrutural**. 1. ed. São Paulo: Pólen, 2019. 264p.

ALENCAR, C. S. S. Práticas pedagógicas antirracista na educação básica: a experiência da escola Professor José Sobreira de Amorim da rede municipal de Fortaleza. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 1, p. 1–6, 1 jan. 2021.

BRASIL. **Lei n. 10. 693, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n o 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

PINHEIRO, B. C. S. **Como ser um Educador Antirracista**. 3. ed. São Paulo: Planeta, 2023. 160p.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

CUNHA JUNIOR, H. A. Bairros negros: ruptura epistêmica do panafricanismo no Brasil. Extramuros – **Revista de Extensão da UNIVASF**, Petrolina, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/1964>

FERREIRA NETO, J. O. Práticas pedagógicas para Ciências da Natureza: buscando afrorreferências. **Ensino em Perspectivas**, v. 3, n. 1, p. 1–11, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/8948>

FERREIRA NETO, J. O.; NASCIMENTO, A. P. S. do; NASCIMENTO, A. P. S. do. Formação de Professores e o Ensino Multicultural: o papel do Programa Residência Pedagógica Biologia (PRPBio). **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 16, p. e341111637597, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i16.37597>

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 245p.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 184p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. 148p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176p.

HOOKS, B. **Ensinando Pensamento Crítico: Sabedoria Prática**. São Paulo: Editora Elefante, 2020. 295p.



HOOKS, B. **Olhares negros**. [s.l.] Editora Elefante, 2019. 356p.

GERTRUDES, J M. do N.; SILVA, M. M. O. A pretagogia como metodologia de combate ao racismo no cotidiano escolar. In: **VIII FIPED, Anais[...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em:
<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/24953>.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 135p.

SILVA, B. B. da. **Relatos Autobiográficos sobre a experiência no Programa de Iniciação à Docência da Universidade Federal do Ceará na Escola Municipal José Bonifácio de Souza**. Fortaleza, 2023.